

ENSINO COMPARADO: A INFLUÊNCIA DO ENSINO TRANSGERACIONAL NAS PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: VISÕES DE DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO DE ESTUDANTES EM CONTEXTOS CULTURAIS DIVERSIFICADOS (GUINÉ-BISSAU E BRASIL)

Ussumane Baldé
Suely Mascarenhas
Antônio Alone Maia

RESUMO

Este parte de uma investigação mais ampla (PPGECH-UFAM/CAPES) artigo discorre sobre a significativa influência do ensino transgeracional na preservação e valorização dos saberes e práticas tradicionais, especialmente em contextos educacionais diversificados, com foco principal na Guiné-Bissau e no Brasil. Através de uma revisão bibliográfica e abordagem autoetnográfica, analise a relevância da transmissão geracional de conhecimentos como elemento fundamental para a formação de identidades culturais e a promoção de uma educação mais abrangente e contextualizada. O ensino transgeracional é analisado em sua capacidade única de incluir saberes ancestrais ao currículo escolar, criando o necessário diálogo entre culturas e aumentando a motivação geral dos estudantes. O estudo também analisa desafios como a predominância de línguas e valores ocidentais nos currículos, e enfatiza claramente a importância de políticas educacionais que reconheçam e valorizem a diversidade cultural. Conclui-se que a integração de saberes ancestrais no ensino formal solidifica a relação entre passado, presente e futuro, tipificando o processo educacional e contribuindo para um progresso sustentável e intercultural.

Palavras-chave: Ensino comparado; saberes tradicionais; diversidade cultural; Guiné-Bissau; Brasil.

COMPARATIVE EDUCATION: THE INFLUENCE OF TRANSGENERATIONAL EDUCATION ON TRADITIONAL PRACTICES AND KNOWLEDGE: TEACHERS' VIEWS ON STUDENT EDUCATION IN DIVERSIFIED CULTURAL CONTEXTS (GUINEA-BISSAU AND BRAZIL)

ABSTRACT

This article discusses the significant influence of transgenerational teaching on the preservation and appreciation of traditional knowledge and practices, especially in diverse educational contexts, with a main focus on Guinea-Bissau and Brazil. Through a bibliographical review and autoethnographic approach, analyze the relevance of the generational transmission of knowledge as a fundamental element for the formation of cultural identities and the promotion of a more comprehensive and contextualized education. Transgenerational teaching is analyzed in its unique capacity to include ancestral knowledge to the school curriculum, creating the necessary dialogue between cultures and increasing students' general motivation. The study also analyzes challenges such as the predominance of Western languages and values in curricula, and clearly emphasizes the importance of educational policies that recognize and value cultural diversity. It is concluded that the integration of ancestral knowledge into formal education solidifies the relationship between past, present and future, typifying the educational process and contributing to sustainable and intercultural progress.

Keywords: Comparative teaching; traditional knowledge; cultural diversity; Guinea-Bissau; Brazil.

1-Introdução

Desde o início da humanidade, o ser humano tem inúmeras necessidades a serem satisfeitas, e essa satisfação exige esforço, seja ele mental ou físico. Quando o homem adquiriu consciência disso, começou a refletir sobre como resolver essas questões e alcançar seus objetivos a curto, médio e longo prazos. Para lidar com questões de natureza física, o ser humano utiliza sua energia (força) para atender às necessidades. Já nas questões de natureza ideal, recorre à mente (inteligência). Assim, para suprir as infinitas necessidades humanas, é essencial combinar força física e esforço mental.

Entretanto, o esforço mental se destaca como o mais importante, pois nossas ações são frequentemente influenciadas por nossa capacidade de raciocínio. Aliás, agimos mais pela razão do que pelo impulso, uma vez que geralmente pensamos antes de agir ou realizar qualquer coisa. Além disso, o ser humano inicia seu processo de aprendizagem antes mesmo do nascimento, e esse aprendizado é constante e ininterrupto ao longo da vida.

Segundo Mascarenhas *et al* (2013, p.14) “[...] o ser humano está num processo constante de aprendizagem no qual ele necessita aprender praticamente tudo, tendo em vista que começamos a aprender antes mesmo de nascer, e continuamos a fazê-lo até a morte”. Essa aprendizagem inata, presente no interior do ser humano, é o que permite a transmissão de conhecimentos de geração em geração, preservando os saberes e experiências ancestrais e promovendo o progresso social. A educação é o meio pelo qual se transmite conhecimentos, hábitos, habilidades, valores e até culturas de uma geração para outra, com o propósito de desenvolver as pessoas intelectual, social, emocional e moralmente. Conforme Mascarenhas *et al.* (2013, p. 15): “[...] a educação compreende tudo aquilo que contribui para o desenvolvimento da pessoa em todos os seus aspectos (físico, motor, intelectual, emocional, social, profissional, ético, entre outros)”. Esses estudiosos demonstram que a educação é um conceito amplo e exclusivo aos seres humanos. A educação pode ocorrer em diferentes contextos, seja na família, na escola ou na sociedade. Contudo, ela é ofertada com o objetivo principal de preparar as pessoas para o bem-estar social e econômico.

O ser humano é um ser social e, como tal, aprende e interage constantemente com seus pares, absorvendo a cultura em que vive. Ele desenvolve suas potencialidades com base na realidade, assimila crenças, técnicas, atitudes e condutas necessárias para a convivência na sociedade em que está inserido ao longo do tempo.

O ensino transgeracional é compreendido como um processo de transmissão sistemática de conhecimentos, saberes, técnicas e valores de geração em geração. Essa prática permeia a passagem da corrente de transmissão de conhecimentos, conectando o passado ao presente. Esse cenário é extremamente significativo nas questões educacionais, especialmente nas práticas tradicionais, como a agricultura, as narrativas históricas, as línguas originárias e as artes. Ao admitir a existência dos saberes e conhecimentos ancestrais, que devem ser mantidos, preservados, reinterpretados positivamente e adaptados para as novas gerações, o ensino transgeracional desempenha uma função vital na formação e fortalecimento da identidade cultural, além de garantir a continuidade de tradições fundamentais.

É importante esclarecer que a eficácia do ensino transgeracional depende de diversos fatores, especialmente da atuação dos professores, que funcionam como intermediários entre os saberes tradicionais de seus estudantes e os métodos de ensino atuais. A maneira como os docentes entendem e facilitam o processo de transmissão desses saberes tem repercussões diretas na preservação e adaptação das culturas nas escolas onde atuam. Este texto é apenas um requisito parcial de uma pesquisa que será desenvolvida com o tema *Ensino Comparado* (Guiné-Bissau e Brasil), focando na influência do ensino transgeracional nas práticas e saberes ancestrais. O objetivo deste artigo é explorar a influência do ensino transgeracional nas práticas e saberes tradicionais, com foco na percepção dos docentes sobre a educação em contextos diversificados. Este artigo da revisão bibliográfica de carácter narrativo e autoetnográfico. Segundo Gil (2017, p.34) discorre:

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet.

Como mencionado anteriormente, este artigo também incorpora experiências dos autores, o que caracteriza como autoetnográfico. Conforme Creswell (2014, p. 70) “a autoetnografia contém a história pessoal do autor, bem como o significado cultural mais amplo para a sua história”.

Este artigo está organizado apresenta breves explicações sobre aprendizagem, o conceito de educação segundo diferentes autores, a definição do ensino transgeracional, sua importância no ambiente escolar e sua integração no currículo, especialmente no ensino fundamental e médio. Aborda a influência do ensino transgeracional no contexto da educação formal, sua relevância na transmissão de conhecimentos e expõe as visões de estudiosos sobre

essa temática, apresenta resultados da revisão da literatura realizada, com base nos achados dos autores revisados e registra conclusões obtidas e as perspectivas para futuros trabalhos relacionados ao tema.

Esta revisão da literatura sobre o tema aborda tanto os desafios quanto as oportunidades de integrar saberes ancestrais ao currículo escolar, especialmente no ensino fundamental e médio. Dessa forma, busca-se uma educação mais abrangente (inclusiva) e respeitosa com os traços culturais de todos os envolvidos no processo educacional, ao mesmo tempo que prepara os discentes para os desafios atuais e os prepara para os do futuro.

A repercussão do ensino transgeracional nas práticas e saberes ancestrais proporciona uma conexão profunda entre o ensino formal e as tradições e culturas locais em contextos diversificados, como os da Guiné-Bissau e do Brasil. Esse aspecto destaca a necessidade de refletir sobre como as vivências e os conhecimentos transmitidos entre gerações são incorporados nas abordagens pedagógicas, especialmente em espaços multiculturais. Sob a perspectiva dos professores, emerge uma reflexão crítica sobre o equilíbrio entre a preservação das tradições e o desenvolvimento de competências globais, ressaltando o papel da educação como uma ponte entre os valores culturais e as demandas contemporâneas. Dessa forma, este estudo busca explorar como essas influências moldam a formação dos discentes, promovendo um ensino mais inclusivo e sensível à diversidade.

ENSINO TRANSGERACIONAL

O ensino transgeracional é a forma de transmitir saberes, conhecimentos, valores e práticas de uma geração para outra. Geralmente, esse processo tem início na família e na comunidade ou em contextos culturais. Essa forma de transmissão é conhecida como ensino informal e frequentemente ocorre por meio da oralidade, da prática diária e da convivência, desempenhando um papel indispensável na preservação, continuidade de costumes (tradições) e no fortalecimento cultural de um determinado grupo. Esse tipo de ensino merece ser valorizado pelo Estado, em especial pelo Ministério da Educação. Caso esses saberes ancestrais sejam incluídos no currículo escolar, poderiam trazer inúmeros benefícios para a comunidade em geral, especialmente para o setor educacional. Além disso, os docentes devem reconhecer os saberes e conhecimentos que seus alunos trazem e promover um diálogo respeitoso na sala de aula. Dessa forma, os discentes se sentiriam mais motivados e valorizados, o que resultaria em maior esforço e engajamento no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Costa et al. (2020, p. 347):

[...] ao longo do desenvolvimento das aulas, o contexto social dos discentes como condição essencial para promover a aprendizagem. Da mesma forma, tivemos como pressuposto básico a manutenção contínua do diálogo entre professor e estudante, de forma que se promova a problematização dos saberes tradicionais trazidos para o contexto de sala de aula.

Portanto, esses autores destacam a importância de criar um ambiente de diálogo franco com os estudantes na sala de aula, permitindo que eles expressem suas experiências, culturas e conhecimentos tradicionais em diferentes áreas do saber. Essa abordagem contribuiria significativamente para o processo de ensino-estudo-aprendizagem. Além disso, ao longo de seus estudos, esses autores sugerem que sejam criadas condições, nas salas de aula, para a transposição didática dos saberes tradicionais trazidos pelos estudantes, oriundos de suas famílias, comunidades ou culturas. Essa transposição deve ser analisada a partir de contextos epistemológicos e pedagógicos, possibilitando a valorização e integração desses saberes ao ensino formal. No entanto, esses saberes ancestrais ainda não são amplamente reconhecidos. Muitos alegam que, por serem transmitidos oralmente de geração em geração, sem registros escritos, esses conhecimentos carecem de credibilidade. Argumenta-se que, quando não registrados, os saberes estão sujeitos a desaparecer ao longo do tempo.

Conforme Costa et al. (2020, p. 353):

Um problema que envolve os saberes tradicionais refere-se ao fato de que eles são, na maioria das vezes, passados de geração para geração oralmente, o que, por vezes, faz com que se percam ao longo do tempo; o que se verifica no Brasil fortemente após passagem do Brasil rural para o Brasil urbano, ou ainda no processo de industrialização e escolarização do conhecimento. Entretanto, nota-se que, algumas práticas, por mais tempo que passem, não deixam de ser realizadas. Exemplo disso é a utilização de plantas medicinais no tratamento das mais variadas enfermidades. Essa utilização surgiu em tempos remotos e se aperfeiçoa a cada dia.

Ainda hoje, as práticas tradicionais permanecem vivas, independentemente das línguas originárias. Embora algumas sejam consideradas nefastas, a maioria é amplamente benéfica. Esses estudiosos evidenciaram de forma clara que a transmissão de conhecimentos de geração em geração sofreu impactos significativos no Brasil, especialmente com a transição do contexto rural para o urbano. Apesar disso, a resiliência dessas práticas continua a trazer enormes benefícios para a humanidade, particularmente nos países subdesenvolvidos, como os africanos. Na Guiné-Bissau, por exemplo, a medicina tradicional é amplamente utilizada pela população, juntamente com outras práticas ancestrais, como a agricultura, a música, a arte, a gastronomia,

entre outras. Lembro-me bem quando éramos crianças eu e os meus irmãos dificilmente íamos hospital, porque o meu pai e a minha avó nos preparavam diversos tipos de chás tradicionais que tomávamos todas as manhãs, e confesso que ficávamos muito tempo sem adoecer. Além disso, eles nos ensinaram preparar esses medicamentos e nos deram instruções como cultivar amendoim, milho, feijão, batata doce e arroz. Até hoje esse tipo de ensino é comum na Guiné-Bissau, em particular na região de Gabu. Essas práticas ilustram a capacidade dos saberes e conhecimentos tradicionais de coexistirem com as práticas contemporâneas. Elas estabelecem uma conexão estreita entre o passado e o presente, preservando aspectos identitários dos povos que as mantêm, enquanto se adaptam e convivem com avanços modernos em áreas como saúde, linguagem, arte, agricultura, sustentabilidade e muito mais.

RELEVÂNCIA DO ENSINO TRANSGERACIONAL NA TRANSMISSÃO DE SABERES E FAZERES CULTURAIS

A relevância do ensino transgeracional na transmissão de saberes e fazeres milenares das diferentes culturas está vinculada à preservação de saberes culturais, históricos e sociais acumulados ao longo do tempo. Esse modo de ensinar é fundamentado no contato direto entre pessoas de diferentes gerações, pertencentes à mesma região ou não, permitindo que tradições, valores e práticas sejam mantidos, garantindo a continuidade da identidade coletiva. No contexto escolar, o ensino transgeracional desempenha um papel fundamental no aprendizado formal, ao integrar saberes tradicionais e vivências com os conteúdos escolares. Isso possibilita um ensino mais humanizado e contextualizado. Como mencionado, os docentes devem reconhecer a cultura e os saberes ancestrais de seus estudantes para facilitar melhor o processo de aprendizado.

Segundo Namone e Timbane (2018, p. 5): *"[...] se a escola se recusa a discutir assuntos da cultura e da identidade do local onde o aluno está inserido, está aculturando, desprezando e qualificando a cultura local de 'atrasada' ou 'selvagem'".* Durante o período colonial, os colonizadores proibiam que povos indígenas africanos praticassem suas culturas, costumes e tradições em diversos espaços sociais, inclusive nas escolas. Essa política de repressão cultural persiste até os dias atuais. Por exemplo, muitos países africanos adotam línguas europeias como idioma oficial de ensino, ignorando as línguas nativas e, conseqüentemente, extinguindo gradativamente as línguas locais, bem como os costumes e valores associados.

Os currículos escolares abordam poucos temas relacionados à cultura, aos costumes e a outros valores que respeitem os saberes transgeracionais dos estudantes. Ainda mais

preocupante, muitos estudantes são proibidos de falar suas línguas maternas nas escolas, sendo até punidos por utilizá-las.

O primeiro autor deste artigo relata ter enfrentado essa situação, sendo castigado por falar sua língua materna durante o ensino fundamental. Esse cenário ilustra claramente o desrespeito aos saberes ancestrais e às culturas locais, especialmente às línguas maternas dos estudantes.

Conforme Namone e Timbane (2018, p. 10) discorrem:

[...] na educação ‘formal’ guineense, os conhecimentos da tradição oral, as culturas locais, inclusive as línguas maternas são desprezadas em proveito da educação moderna, a cultura do colonizador e a sua língua, neste caso, a língua portuguesa.

A experiência vivida pelo autor complementa a citação apresentada anteriormente por Namone e Timbane, pois evidencia como a repressão aos estudantes que falam suas línguas maternas no ambiente escolar reflete um desprezo total pelas línguas, culturas e outros valores que eles trazem de casa para a escola. Essa abordagem, além de desrespeitosa, cria um ambiente de desconforto na sala de aula e impõe inúmeros obstáculos epistemológicos à compreensão dos conteúdos ensinados pelos docentes.

Conforme Namone e Timbane (2018, p. 21-22):

É incalculável o grau de desastre que isso provoca na educação do país, pois os alunos guineenses enfrentam problemas sérios na escola com relação à aprendizagem do português, pelo fato de que em casa falam as suas línguas maternas e quando chegam à escola são obrigados a falar português.

Essa ideologia tem causado consequências desastrosas para os estudantes, como reprovações e altas taxas de evasão escolar, pois a língua que são obrigados a utilizar na escola é completamente diferente daquela que falam em casa.

É de conhecimento comum que as ciências modernas têm evoluído significativamente, em grande parte devido às contribuições dos saberes ancestrais, especialmente no continente africano, nas áreas de medicina, artes e cultura (incluindo línguas).

Portanto, quando a escola reconhece e valoriza a cultura e a identidade local dos estudantes, fortalece os laços entre gerações e enfatiza a importância do diálogo entre o passado (ontem) e o presente (hoje). Isso contribui para a construção de um futuro (amanhã) mais inclusivo, abrangente e estável para todos.

Resultado e Discussão

Com base na revisão realizada, obtivemos os seguintes resultados relativos ao ensino transgeracional:

Em primeiro lugar o ser humano está em constante processo de aprendizagem, um processo que começa antes do nascimento e continua até a morte. Nesse contexto, a educação é o meio fundamental para a transmissão de conhecimento, saberes, valores e práticas geracionais.

O ensino transgeracional:

- Preserva tradições, saberes ancestrais e marcos culturais.
- Oferece a continuidade de atividades ancestrais, como nas áreas de medicina tradicional, técnicas agrícolas, artes e línguas originárias.
- Permeia a política de fortalecimento da cultura e identidade local, tanto no ambiente escolar quanto comunitário.
- Impacta na promoção de uma educação mais humanizada e contextualizada ao integrar conhecimentos tradicionais aos conteúdos escolares.
- Incita o respeito e o diálogo entre docentes e estudantes, reconhecendo suas origens e saberes ancestrais.
- Resulta em uma forte motivação para que os estudantes se envolvam profundamente no processo de ensino-aprendizagem.
- É muitas vezes menosprezado em detrimento do ensino formal, que valoriza predominantemente as culturas e línguas ocidentais.

Outros resultados

- ✓ Constata-se que a priorização de idiomas estrangeiros, muitas vezes exclusivos no sistema de ensino formal, prejudica fortemente o aprendizado e a permanência dos estudantes nas escolas.
- ✓ O desrespeito pela tradição oral e pelas práticas tradicionais pode levar à extinção de muitos saberes ancestrais.
- ✓ O processo de inclusão dos conhecimentos tradicionais e das línguas originárias nos conteúdos escolares oferece diversos benefícios para a sociedade, em particular para os estudantes.
- ✓ Valorizar o uso dos saberes tradicionais dos estudantes enriquece o aprendizado e combate a discriminação no espaço escolar.

- ✓ Por fim, a criação de temas relacionados ao ensino transgeracional, que conecta passado, presente e futuro, fortalece as identidades culturais e as competências globais.

Em correlação à discussão, o processo de transmissão de saberes e práticas ancestrais entre gerações desempenha um papel preponderante na formação inabalável da identidade cultural e no fortalecimento das aprendizagens escolares, especialmente nos contextos culturais diversificados, onde o reconhecimento dos valores culturais e a mediação pedagógica são indispensáveis para criar uma educação mais inclusiva e significativa. Esse tipo de ensino contribui positivamente para a organização da sociedade e para a preservação dos valores morais e éticos. Muitas vezes, essas práticas simbolizam respeito e veneração às gerações anteriores em diversos âmbitos.

Segundo Ramos (2013, p. 20), “Os idosos são muito respeitados no clã cigano. A sua experiência de vida confere-lhes sabedoria e os seus conselhos e ensinamentos são seguidos por jovens e adultos, que lhes beijam as mãos, em sinal de respeito”. A autora evidenciou a valorização das pessoas idosas na tradição cigana, em que os idosos são vistos como bibliotecas naturais, ou seja, são considerados como guardiões de sabedoria e experiência. A alta consideração demonstrada pelos jovens e adultos, especialmente os gestos simbólicos como beijar as mãos dos mais velhos, revela a pertinência da tradição e da hierarquia geracional nesse contexto, consolidando relações comunitárias e culturais.

Como já havia sido enfatizado, os docentes devem reconhecer as experiências, tradições, línguas e demais habilidades de seus estudantes na sala de aula. No entanto, alguns professores, por iniciativa própria, ignoram completamente esses conhecimentos e saberes que os discentes trazem para o ambiente escolar. Segundo Freire (1996, p. 15), “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. Esse pedagogo de renome mundial tem enfatizado a importância das experiências que os estudantes trazem para o ambiente escolar, especialmente na sala de aula. Além disso, o renomado autor questiona por que os docentes não aproveitariam as experiências em diversos domínios de seus educandos durante as aulas. Freire (1996, p. 15) descreve:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida?

Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos.

Esses questionamentos de Freire trazem uma reflexão importantíssima no processo de ensino-aprendizagem, visto que ele realça a relevância de conectar os conteúdos curriculares com as experiências concretas dos estudantes, permitindo debates sobre diferentes temáticas relacionadas às desigualdades, injustiças, aspectos políticos e éticos que impactam suas vidas. Nessa perspectiva, compreende-se que Freire critica a visão pragmática e conservadora que predomina nas escolas, onde são transmitidos apenas os conteúdos curriculares, ou seja, limita-se simplesmente à transmissão dos assuntos programados, ignorando completamente a função transformadora da educação na análise e mudança da realidade social.

Seria muito pertinente que nos conteúdos escolares fossem incluídos assuntos relacionados ao ensino transgeracional, especialmente questões concernentes aos saberes ancestrais. Isso geraria uma grande motivação por parte dos estudantes, que se sentiriam mais respeitados e aliviados, permitindo-lhes expor os saberes herdados das antigas gerações. Esse processo poderia ajudar os professores a expandir suas experiências em diversos ramos do conhecimento, como língua, música, casamento, artes, ritos, mitos, entre outros. Contudo, apesar de a inclusão de culturas e tradições nos currículos escolares ser algo positivo, é necessário ter muita cautela, pois algumas culturas podem, por vezes, não se alinhar com os objetivos do desenvolvimento acadêmico.

A esse respeito, Ramos realizou um estudo entre 2011 e 2013, no qual descobriu que ainda havia resistência à frequência escolar por parte dos alunos da comunidade cigana em Portugal, especialmente da camada feminina. Essa comunidade acredita que a escola representa uma ameaça à continuidade de suas tradições. Segundo Ramos (2013, p. 22), “[...] a escolarização das crianças não é ainda considerada importante pelos ciganos, verificando-se este facto pela baixa frequência escolar que apresentam”. À luz dessa citação, a autora deixa claro que os ciganos portugueses demonstram pouco interesse pela educação escolar de seus filhos. Em uma comunidade como essa, com uma estrutura social muito própria e rígida, adaptar seus costumes e tradições ao currículo escolar será extremamente difícil, pois esses valores muitas vezes não se compactuam com os objetivos do Ministério da Educação de qualquer país.

A instituição escolar, por mais forte que seja, não pode mudar ou moldar a seu estilo as crianças de uma comunidade tão conservadora quanto aos seus costumes, usos e tradições. Felizmente, essa comunidade assume a responsabilidade de educar suas crianças, transmitindo os seus saberes e conhecimentos de geração em geração. Embora existam alguns ciganos que não tenham interesse em integrar-se no ambiente escolar, considerando-o inadequado e uma perda de tempo (RAMOS, 2013), é importante destacar que a cultura, os usos e as tradições desse povo são ricas e têm dado uma contribuição significativa em vários aspectos nos países onde estão radicados.

O que se nota é que existem semelhanças culturais entre os povos cigano e africano, especialmente no que diz respeito à transmissão de conhecimento de geração em geração, à preservação de ritos e costumes culturais, e ao respeito pelos mais velhos (adultos). Essa política de resiliência cultural, onde as comunidades assumem inteiramente a educação de suas crianças e tentam preservar seus valores culturais, priorizando a transmissão de conhecimentos de geração em geração por via oral, caracteriza o sistema de ensino no continente africano há milhares de anos. Este tipo de ensino (oral) é mais antigo, pois a escrita só surgiu posteriormente, e é também considerado mais autêntico, em contraste com a escrita, que é vista como uma forma artificial (não humana).

Conforme Namone e Timbane (2018, p. 7) afirmam:

A oralidade é inerente ao homem desde os primórdios da humanidade. O homem se aproveitou dos sistemas respiratório e digestivo para produzir o som que lhe permitiu a comunicação. A escrita é recente e é artificial. Ela não representa a fala, pois é uma modalidade específica de comunicação que é aprendida na escola.

Portanto, esses estudiosos discutem que o ensino por meio da escrita não é mais importante do que o ensino oral, como muitos pensam. Eles revelam que a modalidade oral, que é instintiva e natural, não perde para a escrita, que é aprendida na escola. Hoje em dia, para muitos, quaisquer conhecimentos ou saberes que não sejam baseados na escrita não são considerados válidos ou geram desconfiança. No entanto, essa crença é insustentável. De acordo com Namone e Timbane (2018, p. 7), descrevem:

[...] Toda prática de ensino tradicional tem uma formalidade, pois é reconhecido pelos régulos, pelos líderes locais, pelas matronas e anciãos da comunidade, logo para africanos se torna absurdo e inconcebível falar que a educação local é informal. Essas declarações só acontecem diante do indivíduo que não conhece a estrutura organizacional de um povo, ou ainda é uma tentativa de desvalorizar a cultura do outro.

Desse modo, é indispensável compreender que o ensino transgeracional também é importante e possui uma estruturação própria, assim como o ensino formal ocidental. Ele está

ligado aos contextos social, cultural e histórico da sociedade, preservando os saberes e valores essenciais da comunidade. Devemos reconhecer o ensino tradicional como um processo legítimo e eficaz de formação, que desempenha um papel preponderante na resistência e resiliência das identidades culturais, além de assegurar a continuidade dos atos de tradição de cada povo.

Devemos admitir que o ensino tradicional tem seu maior impacto em todos os cinco continentes, especialmente no continente africano. Aliás, recentemente, a educação africana era tipicamente tradicional, ou seja, a forma dominante de transmitir os conhecimentos era por meio da oralidade. A escrita não teve tanto impacto no processo de transmissão de conhecimentos, mas isso não significa que os africanos não soubessem escrever ou registrar informações por escrito. Na realidade, acreditavam que o ensino oral era mais pragmático e acessível. Tudo era registrado nas memórias. Quando os anciãos e os mais velhos desejavam ensinar ou informar algo à comunidade, convocavam um encontro em um local determinado, onde todas as pessoas podiam estar presentes para ouvir o que se queria ensinar ou informar. Infelizmente, essa forma de ensino diminuiu significativamente após a invasão europeia ao continente. Quando os invasores europeus chegaram ao continente africano, encontraram os povos indígenas africanos muito bem estruturados e organizados, vivendo em harmonia com os aspectos que a natureza oferecia. Cada grupo étnico ou comunidade tinha seu próprio modo de viver e se mantinha em conformidade com suas tradições, usos, costumes e valores.

A educação transgeracional tem sua maior repercussão nas áreas de medicina tradicional e na alimentação. Por exemplo, na medicina tradicional, muitas doenças são combatidas eficazmente com medicamentos puramente tradicionais, incluindo doenças espirituais que, muitas vezes, a medicina moderna considera incuráveis. Conforme Brasil, Monteiro e Mascarenhas (2024, p. 8), “Na medicina tradicional Munduruku, as plantas medicinais ocupam um papel central, sendo vistas como presentes dos seres sobrenaturais e atuando como agentes de cura no corpo físico e espiritual”. Existem curandeiros tradicionais africanos que tratam vírus como o HIV/AIDS, diferentes tipos de hepatites e muitas outras doenças espirituais dentro de um tempo determinado. Toda essa conquista é resultado dos conhecimentos transmitidos de geração em geração.

Para Brasil, Monteiro e Mascarenhas (2024), essas práticas ancestrais não se limitam apenas a resolver problemas de saúde nas comunidades, mas também fortalecem o espírito de união entre os povos e a transmissão de saberes ancestrais. Na Guiné-Bissau, muitas famílias confiam mais no tratamento de problemas de saúde tradicionalmente, pois esse tipo de

tratamento é mais acessível financeiramente e proporciona uma recuperação rápida. Nas aldeias, muitas plantas são utilizadas para combater doenças como gripes, diarreias, dores de barriga e outros problemas de saúde da população. Segundo Baldé, Mascarenhas e Maia (2024, p. 559), discutem que:

Cajueiro (*Anacardium occidentale*): as suas folhas e cortiças são usadas para estancar diarreia e problemas respiratórios. A parte mais nova das suas folhas são usadas para combater dores de barriga. Limoeiro (*citrus limon*): as folhas e as frutas são usadas para tratamento de febre (constipação), combater dor da cabeça, problema de tontura e Moringa (*Moringa oleífera*): as suas folhas e flores são usadas para tratamento de várias doenças por exemplo diabetes, tensão e gordura, etc. Atenção esta planta é uma das mais importantes em termos medicinais na Guiné-Bissau.

Esses autores evidenciaram a riqueza do conhecimento transgeracional e a vantagem da biodiversidade como fonte de soluções naturais para resolver problemas de saúde. No entanto, o que poderia gerar dúvida na mente de algumas pessoas é a origem desses conhecimentos e a grande semelhança nos tratamentos de diversas questões, como a cura de enfermidades, mitos e alguns ritos, considerando que esses povos não estão concentrados no mesmo local, continente ou região. Claro que isso pode ser admirável, mas essa convergência cultural é lógica. A esse respeito, Maia (2024, p. 565) afirma:

Uma grande questão que pode ser levantada, seria a de saber, como se explica que povos tão distantes, que nunca tiveram um contacto intercultural, tenham os mesmos conhecimentos etnobotânicos? Não restam dúvidas que, existem leis universais que regem o desenvolvimento da mente humana para responder aos desafios do seu meio. Este conhecimento, admite-se que tenha se desenvolvido de forma particular e independente nas comunidades onde é praticado e em alguns casos por difusão cultural.

Desenvolver um estudo científico sobre essas plantas vai além do uso medicinal, pois pode contribuir para o desenvolvimento sustentável e o fortalecimento da medicina moderna. Portanto, o ensino transgeracional, baseado na oralidade e nos traços culturais, desempenha uma função vital na preservação dos marcos culturais e na transmissão de saberes ancestrais. Essa prática é altamente valorizada nas comunidades africanas especialmente povo fula e em outras comunidades de diferentes continentes, como o povo Munduruku no Brasil e a comunidade cigana em Portugal. Ela conjuga experiências sociais e conhecimentos que fortalecem as relações comunitárias e contribuem para a organização social. No entanto, essa prática é, por vezes, desprezada em comparação com a educação formal. Ainda assim, o ensino transgeracional apresenta-se como uma ferramenta poderosa para a inclusão educacional e a

promoção da relação intercultural. Reconhecer e integrar essas atividades ancestrais na educação moderna trará enormes benefícios para a população em geral.

Considerações Finais

Como foi exposto, que o objetivo deste artigo é explorar a influência do ensino transgeracional nas práticas e saberes tradicionais, com foco na percepção dos docentes sobre a educação em contextos diversificados. Com base na revisão realizada, concluímos que a educação transgeracional possui extrema importância na preservação dos conhecimentos das gerações anteriores e no reconhecimento das práticas culturais em contextos educativos diversificados, como da Guiné-Bissau e do Brasil. Ela estabelece forte ligação do passado, presente e futuro, consolida marcos culturais e promove uma educação inclusiva e respeitosa, em conformidade com as realidades sociais de estudantes e professores.

Adaptar os conhecimentos ancestrais ao ensino formal ou moderno contribui para a criação de um ambiente pedagógico que regularize as vivências e tradições dos estudantes, permitindo que se sintam valorizados e motivados. Essa prática, enriquece o processo-estudo-aprendizagem, solidificando a ligação entre escola e comunidade. Não obstante, ainda persistem desafios que dificultam a plena implementação dessa prática, como a predominância de valores e línguas europeias nos currículos escolares. É crucial abordar essas questões, o que só será possível com a inclusão efetiva dos conhecimentos tradicionais no sistema educacional.

Diante disso, o ensino transgeracional tem se desenvolvido em diversas áreas, como medicina tradicional, artes e agricultura, revelando o seu potencial para fomentar o diálogo intergeracional e o desenvolvimento sustentável. Dar o valor devido a esses saberes no contexto escolar será uma estratégia eficaz para diminuir progressivamente o abandono escolar e promover um ensino mais humanizado e sustentável.

Conclui-se que o ensino transgeracional não é apenas uma forma simples de transmissão de conhecimentos, como muitos acreditam. Ele representa um meio poderoso de resistência cultural, preservação de tradições e fortalecimento das identidades locais. Ao ser incluído de forma efetiva no ensino formal, será possível criar sistema educacional mais abrangente e equitativo, que reconhece a diversidade em sua totalidade e contribua para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Futuramente, é necessário os responsáveis educacionais promovam políticas que irão incluir os saberes ancestrais ao currículo escolar, buscando manter um equilíbrio entre assuntos tradicionais e as competências contemporâneas. Além disso, investir na capacitação do pessoal

docente e em pesquisas que reconhecem saberes tradicionais poderá fortalecer a relação entre as instituições do ensino e a comunidade, contribuindo para um ensino mais abrangente, sustentável e alinhado às necessidades culturais e científicas.

Referências

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Penso, 2014.

COSTA, J. da S. *et al.* Dos saberes tradicionais aos saberes escolares: como pensar as aulas de química a partir das propriedades medicinais das folhas da amora preta, atribuídas pelo saber popular consagrado. **Revista de Estudios y Experiencias en Educación**, Vol. 19 N° 41, p. 345-357, dez. 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/Dialnet-DosSaberesTradicionaisAosSaberesEscolares-7665073.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2024.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 54. 1996.

GIL, C. A. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.

MASCARENHAS, A. do N; *et al.* Motivação para Aprender e Rendimento Acadêmico no Ensino Superior. In: **Determinantes do Rendimento e do Bem Estar Psicossocial em Contextos Educativos Formais**: Pesquisas em Educação, Psicopedagogia e Psicologia na Amazônia. Suely A. do N. (Coord.). Humaitá, Am: UFAM/ Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Edições Loyola, P. 12-25. 2013.

MONTEIRO, A. da S. *et al.* Entrelaçando Saberes: Uma Análise Comparativa entre os Conhecimentos Milenares e Científicos da Etnobotânica. In: *Uso de Plantas Medicinais por Povos Milenares da Amazônia – Brasil (Munduruku, Karapãna, Pupÿkary, Tikuna E Kokama), Guiné Bissau (Fulas, Gabu) E Moçambique –Tete (Dema E Nyungwe): Uma Perspectiva COMPARADA*. - **Revista EDUCAmazônia** - . Ano 17, Vol. XVII, N.2, jul-dez, 2024, pág 533-572. Disponível em: <C:/Users/User/Downloads/T33,+Vol17,+n2,+jul-dez,+24,+pág+533-572.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2024.

[NAMONE, D; TIMBANE, A. A.](#) TENSÃO ENTRE ESCRITA E ORALIDADE NO ENSINOAPRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS NA ETNIA BALANTA BRASSA (TOMBALI) DA GUINÉ-BISSAU. **Revista (Entre Parênteses)**. Vol.1, N°7, p.1-32. 2018. Disponível em:

<https://publicacoes.unifalmg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/846/pdf.Acesso> em: 30 nov. 2024.

RAMOS, C. M. da S. G. **A integração de alunos de etnia cigana na escola: estudo de caso.** 2013. 78f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação – Administração e Políticas Educativas) – Universidade de Aveiro, Aveiro, 2011-2013.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) pelo incentivo da bolsa modalidade mestrado e de igual modo agradecemos à Universidade Federal do Amazonas (UFAM) pela oportunidade de progressos acadêmicos, à FAPEAM E CNPq pelo apoio institucional.

Recebido:20/10/2024.

Publicado:01/01/2025.

Autoria:

Ussumane Baldé

Bacharelado na Unidade Escolar Superior de Educação “17 de fevereiro” (ESE) Bacharel em Educação. Professor de ensino básico (EB). Mestrando em Ensino de Ciências e Humanidades; PPGECH-UFAM, Bolsista CAPES; E-mail: baldeussumane079@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0226>; País: Guiné-Bissau

Suely Mascarenhas -Licenciada em Pedagogia (UNIR, 1987), Doutora em Psicopedagogia (UDC, Espanha, 2004) –Docente Universidade Federal do Amazonas –UFAM (2006-atual), atuando na graduação e pós-graduação, Orientadora.

E-mail: suelyanm@ufam.edu.br

Orcid.:<https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>

País: Brasil

Antônio Alone Maia

Dr. Em antropologia, USP Docente na UniRovuma, Moçambique; Docente visitante estrangeiro PPGECH-UFAM – Coorientador.

E-mail: alonemaia13@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3500-8235>

País: Moçambique